



A Empatia Maquínica e as Novas Formas de Habitar o Mundo¹

Deodato Rafael LIBANIO de Paula²

Benedito Diélcio MOREIRA³

Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT

RESUMO

Vivemos em um novo tempo, a era das tecnologias, da vivência com a máquina, que se tornou cada vez mais próxima, mais íntima e pessoal. As formas de habitar o mundo não são mais as mesmas, desmaterializamos os corpos, criamos o virtual, desenvolvemos novas formas de se comunicar e se relacionar. Neste novo tempo, que se mostra muito mais próximo do caos do que do solo fixo, plano e liso, criamos visões hiperbólicas sobre as máquinas, em especial sobre os jovens, que nasceram neste novo tempo, e que mostram destreza ao manusear a máquina. Neste trabalho visamos analisar esta problemática, saindo destas visões que demonizam ou sacralizam a relação com os aparelhos tecnológicos, dando ênfase ao uso e potencialidades do consumo destes aparatos.

PALAVRAS-CHAVE: Habitar; Tecnologias; Jovem; Virtual; O Novo.

Introdução

Neste trabalho, propomos uma abordagem teórica sobre a questão da nova era tecnológica, as sensíveis transformações do social, o mundo virtual e as novas formas de habitar o mundo e qual é o vínculo que os jovens têm com estas novas máquinas e com as transformações do mundo. Primeiramente é preciso discutir uma importante questão. As palavras técnica e tecnologia causam grandes confusões: o senso comum e os experts no assunto vêm estas palavras de modo completamente diferente, então, vamos delimitar o uso desses termos neste trabalho.

A palavra técnica (do grego *Tekhnikós* e próxima a *Tekné*, significa produzir) designa um conjunto de ações para produzir algo, uma “habilidade”, que produz o surgimento

¹ Trabalho apresentado no IJ 6 – Interfaces Comunicacionais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, UFMT-Cuiabá, email: deodatorafaeljj@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor Benedito Diélcio Moreira, do Curso de Comunicação Social da UFMT-Cuiabá, email: dielciomoreira@yahoo.com.br.



de algo; tecnologia (do grego *Tekhnikós* + *Lógos*) é pela sua própria terminologia o pensar sobre a técnica, já que *Lógos* designa palavra e pensamento. Assim, tecno + logia seria a palavra sobre a técnica ou o pensar sobre a técnica.

Quando nos referirmos à tecnologia neste trabalho, estamos nos referindo a tecnociência moderna (HEIDEGGER, 2007) e a tecnologia das máquinas (VENGEON, 2009), em que ocorreu uma mudança no modo de olhar a técnica, isto é, passou a não ser mais um modo de se produzir, mas a ser utilizada para intervir diretamente na natureza, “agenciando-a” (HEIDEGGER, 2007). Esta tecnologia cria aparatos e bens de consumo, máquinas para intervir diretamente na natureza, novos meios de informação e comunicação (MARCONDES FILHO, 1994; 1998; 2009; 2012) e novos meios de “comutar energia” (HEIDEGGER, 2007). Ou seja, quando nos referirmos à era tecnológica neste trabalho, estamos falando dessas novas formas de bens de consumo, máquinas que intervêm na natureza e das novas formas de comunicação que alteraram sensivelmente nosso modo de pensar, nosso habitat e as nossas vidas em um âmbito global.

Na primeira parte tratamos dessas transformações que ocorrem no “social”, nesta nova era tecnológica, analisando as modificações, disponibilidades e potencialidades de Estar e Habitar o mundo virtual. No segundo momento, abordamos as tecnologias da informação e comunicação, que acabaram alterando drasticamente as nossas formas de se relacionar com os outros, de se comunicar e de criar um “imaginário” do mundo. No terceiro momento, discutimos as novas formas de linguagem que surgem nestas novas plataformas, que possibilitam novos níveis de comunicabilidade. No quarto momento abordamos a questão da plataforma virtual, e as potencialidades que apresenta como um meio de se relacionar. Na quinta parte vamos falar dos jovens e da potencialidade de criar e inovar no uso destas novas tecnologias, tentando mostrar um contraponto das visões hiperbólicas que mostram o jovem como um alienado às máquinas.

As Transformações do Social

Vivemos em um momento de múltiplas transformações sociais⁴. Perdemos nossas grandes referências, os ideais norteadores do mundo e o manto teológico que

⁴ As ideias relacionadas a esse tema são desenvolvidas nas obras de Marx e Engels (2009), com o materialismo histórico; Nietzsche (2001a; 2001b), com a transvaloração dos valores, com Jean-François Lyotard em sua análise do contemporâneo (1987; 1988; 2004); com Ciro Marcondes Filho (1994; 1998; 2009; 2012); no materialismo histórico das mídias, de John Thompson (1998); e em temas relacionados às transformações sociais e na educação, conforme Pedro Demo (1997).



orientavam todas as ações dos indivíduos, e que hoje não nos assolam de forma tão intensa (MARCONDES FILHO, 1994). Estas transformações caminharam e caminham junto com o desenvolvimento das tecnologias e das máquinas, que proporcionam novas formas de Ser, Estar e Existir. Ou seja, mudamos nossa forma de Habitar o mundo, seja nas mudanças do nosso cotidiano, nas mudanças das metrópoles, que não são apenas urbanas, mas também telemáticas, mudando os modos de se relacionar e se comunicar, reestruturando em um curto espaço de tempo as nossas formas de habitar a terra.

A dispersão, o caos, a desintegração indicam um ponto de passagem, um ponto em que o mundo que conhecíamos até então desmorona-se, perde sua unidade, rui, e por assim dizer, ‘desaba por nossas cabeças’. Mas o que ocorre é que está configurando-se um novo tipo de sociedade, um novo tipo de mundo que ainda não se estruturou totalmente, mas que se instala como um universo absolutamente diferente daquele que conhecíamos. A diferença é tão radical que ela coloca como uma transformação que muda não só esta década ou este século, mas sinaliza uma reviravolta pelo menos nos últimos 500 anos. (MARCONDES FILHO, 1994, p. 10).

Estas transformações configuram um novo quadro social, que não é algo rígido ou fixo, muito mais próximo do caos e do múltiplo, do desconexo, do fragmento, e muito menos da união, do orgânico da essência do “*Domus*”⁵. Segundo Moreira e Fichtner (2015, p. 09), o “social” é “algo autônomo, com um sentido próprio, que não pode ser reduzido às estruturas sociais, nem a sociedade, nem aos processos psíquicos internos dos indivíduos. A categoria do Social é direcionada às relações sociais”. A égide desta nova fase são as máquinas e as tecnologias como bens de consumo. As relações com as máquinas são constantes, seja pelo relógio, celular, notebook, no trabalho ou na escola, na televisão ou nos eletrodomésticos da cozinha. Ou seja, em todos os momentos do nosso dia a dia manuseamos ou passamos perto de algum aparato tecnológico. Não há mais como viver alheio ao uso das máquinas. Deste modo, as formas de armazenamento de dados, os bens simbólicos, a cultura e os modos de Estar-no-mundo são modificados “A vida cotidiana em todos os seus poros está hoje permeada pela eletrônica e isso gera consequências na organização da cultura.” (MARCONDES FILHO, 1998, p. 11).

Estamos numa era em que todos esses artefatos, que foram num certo momento considerados prolongamento dos homens, seus utensílios, ferramentas, máquinas, ocupam de tal maneira o cotidiano das pessoas que constituem quase uma certa vastidão dominante. Isso quer dizer: o

⁵ Ver *Domus y la Megalópolis*, em Lyotard, *Lo Inhumano* (1988).



homem, no momento em que transfere suas funções às máquinas, abre mão também de grande parte de sua autonomia em relação ao controle das coisas. (MARCONDES FILHO, 1994, 30).

Onze anos depois destes comentários de Marcondes Filho, podemos perceber que vários destes traços permeiam nossa sociedade. Além disso, as máquinas deixaram de serem extensões: hoje elas são partes do nosso corpo, não como prótese, porque não são simplesmente um “auxiliar para”, mas algo de importância vital, propriamente. Esse processo é uma espécie de simbiose relacional, pois a máquina habita o indivíduo e ele a máquina; há um habitar recíproco, este processo de trazer a máquina para dentro de si, uma espécie de “empatia maquinaica”⁶. O encantamento com as máquinas digitais parece ainda estar em sua fase inicial, e não chegará ao seu ápice tão cedo. Um exemplo, sobre a relação vital com o novo “órgão”⁷, é o simples fato de esquecer o celular ao sair de casa. Quando isso acontece, passamos verdadeiramente mal, como se um órgão não funcionasse corretamente, nos perguntamos de forma angustiante: “mas e se alguém me ligar ou precisar falar comigo?”, não titubeamos, simplesmente voltamos para casa e pegamos o aparelho, e tudo volta ao normal.

Os aparelhos eletrônicos redimensionam nossos deslocamentos, “nossos encontros”, nossas formas de se informar e se comunicar com as outras pessoas (MARCONDES FILHO, 1998). Então, na nova era tecnológica temos uma reestruturação relacional, pautada pela presença espectral do outro em lugares imateriais, em plataformas *online*. Em consonância com Moreira (2015, p. 07), essas novas formas de habitar caminham junto a uma nova forma de se locomover: no ciberespaço andamos com as mãos e viajamos apenas com o olhar. “No universo midiático, as pernas forma substituídas pelos dedos, mais ágeis, mas igualmente dependentes do olhar.”

Com o avanço das tecnologias, estes novos aparatos tecnológicos vão diminuindo de tamanho e agregando múltiplas funções e dispositivos. Um grande exemplo deste fenômeno são os *smartphones*, pois com eles não dispomos meramente de um celular, que já é um grande meio de comunicação, mas de um “computador”. Com ele acessamos a internet, imergimos em diferentes plataformas. Esta miniaturização dos aparelhos impulsiona a atração pela máquina, o trazer para dentro de si, o estar com, é o mundo partilhado com o objeto, que passa a se “tornar invisível”, ou seja, já faz parte do

⁶ Entendemos por “empatia maquinaica” este processo de tornar a máquina um novo órgão do corpo, de trazê-la para si, um processo de relação simbiótica, em que usuário e objeto se tornam algo singular no seu processo relacional, pois ele habita a máquina e a máquina o habita.

⁷ Ver em Marcondes Filho (1998; 2009; 2012), Moreira (2015) e Moreira e Fichtner (2015).



nosso cotidiano como algo comum (SANTELLA, 2007). Nossas “grandes máquinas”, como os computadores, são progressivamente substituídos por *iphones*, *smartphones*, *tablets* etc. Deste modo, temos uma nova forma de habitar e de dimensionar o espaço e o tempo, como diz Ciro Marcondes Filho (1998, p. 45):

Os sistemas eletrônicos forjam um novo espaço. Se no passado tínhamos o espaço como dimensão constitutiva do nosso situar-se no mundo e se nossa mente locomovia-se considerando a existência de um real-físico palpável, de uma geografia, os equipamentos informático-cibernéticos realizam um novo espaço. Ele difere também do espaço imaginário, que construíamos mentalmente quando lemos um livro, fantasiemos um lugar, uma cena. Este é absolutamente subjetivo [...]

O espaço cibernético das redes, da realidade virtual, das comunicações eletrônicas é tão imaginário quanto o outro, o nosso, subjetivo; mas é coletivo e vivenciado por múltiplas pessoas ao mesmo tempo. Apesar de não existir materialmente, não ser palpável, pisável, sensível, ele existe [...] Trata-se de um campo invisível mas real. Sem sombra de dúvidas, nosso conceito tradicional de espaço precisa ser revisto.

Alicerçados em Rushkoof, Moreira e Fichtner (2015) discutem que quanto maior o número de tecnologias em nossa volta, mais rapidamente temos que assimilar processos e ideias. Como também aborda Baitello Jr. (1999b), na questão do homem que parou os relógios. Segundo este autor, nós estamos em uma era em que o número de informações captadas e processadas em um determinado espaço de tempo é muito maior do que nas civilizações anteriores.

Estas revoluções do social são o “surgimento” de diversas faces do novo: novas formas de habitar, se relacionar, ver, agir, se alimentar, interpretar, ou seja, de “Estar-no-mundo”, enquanto possibilidade do “Ser-do-ente”. Todo “surgimento” é um “des-abrigar”, um trazer à luz o que estava escondido em um abrigo (HEIDEGGER, 2007). Ou seja, algo que estava em estado de potência, um possível nascimento passa a ser uma disponibilidade, um novo modo do ente “Estar-no-mundo”⁸.

As Interfaces e o “Descobrimento” do Mundo

Neste novo tempo, as ideias sobre o real micro/local e macro/global não são mais referenciadas em pessoas mais velhas ou com um grau elevado de conhecimento. Agora, todas as informações “necessárias” sobre o micro e o macro estão

⁸ Em relação ao estar-no-mundo, ao ser-do-ente e o *Dasein*, ver Heidegger (1979), A tese de Kant sobre o Ser.



disponibilizadas na TV e na internet através das imagens técnicas (MARCONDES FILHO, 1994).

Colocadas estas proposições, podemos pensar que o fio do processo de abstração foi invertido: antes se partia do real para o abstrato, a partir das experiências relacionais com o mundo, das recepções sobre o conhecimento do mundo em formas de narrativas, que nos possibilitava a construção de uma materialidade, hoje isso seria o contrário. Menezes (2012, p. 25) fala da escalada de abstração de Vilém Flusser:

O autor mapeia o crescimento da abstração na medida em que experimentamos a comunicação tridimensional (com o corpo), a comunicação bidimensional (com as imagens), a comunicação unidimensional (com o traço e a linha escrita) e a comunicação nulodimensional (com os números e os algoritmos das imagens técnicas).

Com as novas tecnologias criaríamos uma “realidade” a partir das imagens técnicas que são pura abstração, partimos do abstrato para o “real” e não do “real” para o abstrato. Pois, não habitamos o local da imagem técnica, e para interpretá-lo montamos em um processo de abstração a partir do que se apresenta para nós em bit’s⁹.

Com esta nova construção imagética, estaríamos construindo uma nova forma de conhecimento. Será que existe algo de real neste conhecimento? Podemos interpretar este processo como uma nova forma de conhecimento, um conhecimento ficcional, para além do bem e do mal, mas que está alterando nosso processo cognitivo, nossas formas de habitar, ou seja, de se relacionar com o mundo.

A vivência e a experiência histórica que as pessoas têm das coisas que ocorrem ao seu redor e no mundo de forma geral são hoje, mais do que nunca, marcadas pelas imagens, especialmente eletrônicas, vindas ou da televisão ou dos computadores [...] Através de tudo isso a troca com o mundo externo ocorre cada vez mais pela máquina e cada vez menos existe uma realidade em estado puro. (MARCONDES FILHO, 1994, p. 39 e 40).

A internet, a grande revolucionária neste processo de “descobrimto do mundo”, foi a maior responsável na alteração do processo cognitivo do homem, partindo do pressuposto que toda transformação tecnológica, altera correlativamente a *psiqué* do homem¹⁰. Partindo deste ponto, podemos fazer uma alegoria, pensando na internet como

⁹ Ver Menezes (2012), *Cultura do ouvir: os vínculos sonoros na contemporaneidade*.

¹⁰ Ver o materialismo histórico de Marx e Engels (2009), e o conceito de *continuum* histórico de Norbert Elias (1994).



um “vírus” que se introduz no âmbito social, de modo correlato a um vírus que entra no organismo de um homem. Este ser infectado passa a existir de um modo análogo, alterando seus modos de Estar-no-mundo. O mundo antes do vírus não é o mesmo depois do vírus, ele muda sua velocidade de percepção, suas funções motoras e psíquicas, transformando o modo de Ser-do-ente, em outras palavras tornando o homem outro homem devido às transformações no seu espaço.

É claro que os dispositivos eletrônicos com os quais convivemos e que utilizamos para realizar as tarefas mais diversas, com crescente familiaridade e proveito, desempenham um rol vital nessa metamorfose. Esses artefatos de uso cotidiano não só suscitam velozes adaptações corporais e subjetivas aos novos ritmos e experiências, mas também acabam surgindo esse popularizando em virtude dessas mudanças. Os jovens abraçam essas novidades e se envolvem nelas de tal forma mais visceral, embora não se trate de uma exclusividade dessas gerações. (SIBILIA, 2012, p. 204).

Novas Formas de Linguagem

O processo de comunicação por meio de interfaces é um processo de interação, uma forma de interagir distinta das relações corpóreas do modelo face-a-face, para John Thompson (1994) uma “quase-interação”, pois esta não teria a multidimensionalidade simbólica do face-a-face. Segundo Lyotard (1988), esta forma de interação consiste no contato da nossa inteligência artificial com inteligência “ingênua” do homem, que se submerge nelas, surgindo linguagens “naturais”. Nesta proposta, a somatória da linguagem do homem com as possibilidades do meio cria uma nova “linguagem”, específica de uma determinada plataforma.

Esta forma de comunicação para Lyotard (1988) é telegráfica, ou seja, foi possibilitada por uma tecnologia que faz uma mediação de imagens “calculadas”, pois, surgem através de um código binário. A telegrafia é virtual, pois está em potência, em espectro, mas não se concretiza, é um acontecimento distinto do “real”. Para Marcondes Filho (2004, p. 16), as formas de se comunicar, independente do modo que estão acontecendo, não se reduzem à “linguagem estruturada e codificada numa língua. Ela ultrapassa e é mais eficiente que esse formato, realizando-se no silêncio, no contato com os corpos, nos olhares, nos ambientes”.

Escrevendo, o usuário constrói ramificações múltiplas e em todas as direções, desdobra-se em multiplicidades e descobre potencialmente novas linhas de fuga [expressões extralinguísticas], cuja função



específica é a de implodir as cristalizações que se formam nos estratos. (MARCONDES FILHO, 2010, p. 304).

Ciro Marcondes Filho (2012) nos fala em “Pensamento Linguagem e os chats”, que a linguagem dessas novas plataformas relacionais busca romper com a sua própria estrutura, representando sensações “indizíveis”, como algo das relações externas do meio ou algo extremamente íntimo entre as pessoas que conversam, como um apelido. Essas linguagens acabam transcendendo à escrita, fazendo surgir imagens e sonoriades por meio delas (MOREIRA; FICHTNER, 2015, p. 08). A Exemplo do *whatsapp*:

[...] e em outras formas de chat, o processo de manifestar-se, o aparecer das letras é visual – e isto é materialmente presente como nos hieróglifos da escrita sagrada e política do antigo Egito – só que agora com uma função totalmente contrária, ou seja, a materialização de um processo oral. Isso tem consequências para a “leitura imaginativa” (ASSMANN, 2012). A “leitura imaginativa” apresenta o milagre da passagem do ler para o ver como uma mudança da escrita para a imagem: no processo de juntar letras surpreendentemente acontece algo com o sujeito dessa atividade; no instante seguinte esse sujeito está dentro de uma imagem. Parece ser um processo mágico, e assim como em qualquer processo mágico, algo morto (letras) se transforma em algo vivo.

Ou seja, o “cibermundo” nos apresenta uma nova forma de se comunicar, com níveis múltiplos de comunicabilidade, o poder de “tocar” o outro (MOREIRA, 2015), ao se desmaterializar, passar pela rede e materializar-se em um riso ou em sentimento partilhado com quem estou me comunicando. Porém, estas formas se apresentam distintas do “real” (MARCONDES FILHO, 1998, 2009, 2012), da materialidade corpórea do outro, das crateras da sua face, dos mistérios do seu corpo, do “ouvir” como um sentido passivo, de receber o outro de deixa-lo te habitar (BAITELLO, 1997; WULF 2007).

A Nova Forma de Habitar o Mundo: o universo virtual

Com o surgimento da internet, podemos imergir em outra plataforma por meio de aparelhos eletrônicos, adentrando em um campo incorpóreo, imaterial, mas imagético. O virtual possibilita o Estar, porque é alimentado por algo externo a ele, pelo homem. Se nos desligamos das redes, o virtual se dilui; logo, o existir no virtual só é possível pela ação do ente de alimentar. Caso ele pare de alimentar, o desfalecer, “apagar” a



vida contida no conteúdo. Porque, o Habitar só é possível pelo desdobramento de ações do ente enquanto Ser-no-mundo.

O espaço virtual para Marcondes Filho (1998, p. 15) “É real porque se trata de um espaço onde se efetivamente ocorrem fatos reais e concretos. O espaço da virtualidade não é apenas uma projeção mental, imaginativa, inexistente.” Na sua obra “Sociedade Tecnológica” (1994), Marcondes Filho nos fala que o virtual é uma realidade aparente, mas não ilusória, pois ela é capaz de produzir efeitos nos indivíduos enquanto sujeito materiais, muito próximas da vivência no mundo “real”. Por isso, temos uma nova forma de habitar, o imergir em uma plataforma, se desvinculando do corpo, tendo uma vivência psicológica (MARCONDES FILHO 2010; 2012).

Neste sentido, o virtual é algo ficcional, no sentido dado por Donna Haraway (2009). Para esta autora, a “ficção” só é possível pelo desdobramento de algo do real, ou seja, toda ficção é uma possibilidade em potência no real, como nos mostra alguns filmes de ficção científica, que em tempos depois o que era ilusão acaba se tornando material.

Este processo de imergir na rede, se desmaterializar, o ir e vir entre os mundos *on* e *off-line*, a disponibilidade de criar um outro EU na rede, seja em um perfil em uma rede social ou um avatar, como no *Second Life*, se mostra como um fenômeno de “evaporação das ‘materialidades’” (MARCONDES FILHO, 1998, p. 65).

O “cibermundo” constrói artificialmente as pessoas com que lidamos (MARCONDES FILHO, 1998), por isso é um simulacro, algo virtual. As relações e os corpos que habitam o mundo se mesclam entre seres de “carne” e seres “imaginários que habitam a realidade virtual” (MARCONDES FILHO, 1998, p. 65). No mundo virtual, o indivíduo se nutre do simulacro, de imagens “descorporificadas”, que tem como plataforma um líquido, que escorre e se vai, ou, em outras palavras, de corpos efêmeros.

Diversos autores trazem os avanços da comunicação mediada como um progressivo isolamento, ainda mais no que diz respeito ao jovem. Estas novas formas de se comunicar que o jovem parece ter um grande fascínio, o Estar a todo momento conectado, causam nos mais velhos um certo receio, uma tendência a se tornar solitário, “incomunicável”. Porém, este isolamento é relativo, pois é no seu canto, no aconchego do quarto que o jovem descobre o “cibermundo”, conversa com pessoas, ri, brinca, navega, recebe o toque do outro materializando uma sensação, sendo ele também capaz de se desmaterializar para fazer o mesmo com o outro (MOREIRA, 2015).

O Jovem e sua Potencialidade de Inovar



Moreira e Fichtner (2015) apresentam uma potencialidade para o surgimento do novo com as novas formas do jovem caminhar na rede. Este algo novo já se apresenta nas formas inovadoras com que ele se apropria das tecnologias. Estes autores entendem a juventude como continuidade da infância, no sentido de Walter Benjamin. Nesta perspectiva, a infância é uma busca por uma completude, por um sentido que só elas têm:

As crianças, com efeito, têm um particular prazer em visitar oficinas onde se trabalha visivelmente com coisas. Elas se sentem atraídas irresistivelmente pelos detritos [...] Nesses detritos, elas reconhecem o rosto que o mundo das coisas assume para elas, e só para elas. Com tais detritos, não imitam o mundo dos adultos, mas colocam os restos e resíduos em uma relação nova e original. Assim, as próprias crianças constroem seu mundo de coisas, um microcosmos no macrocosmos. (BENJAMIN, 1958, p. 238).

Os jovens criam, inovam e trazem o novo como potencialidade dentro de si, porque são mais soltos, leves e flexíveis, não têm medo de arriscar; eles se deixam “levar por uma torrente de ideias, é como brincar de amarelinha sem se sentir aprisionado pelo tempo, ou no que os outros possam pensar.” (MOREIRA: FICHTNER, 2015, p. 05).

Erramos ao designar que o aparelho determina objetivamente o seu uso, trazendo uma visão de opressão e alienação dos jovens às máquinas. Nesta perspectiva, esquecemos que o jovem (mas não só eles) possui suas singularidades. Ao se relacionar com o aparato, ele redimensiona o conteúdo, ele toca na tela e reconfigura a imagem dada pela máquina, fazendo uma montagem, reinventando o que já estava posto, se tornando um produtor de conteúdo. Nesta mesma perspectiva, Walter Benjamin (1985, p. 247) fala da relação da criança com o brinquedo, mostrando para nós uma esperança por uma nova forma de ver a criança e o objeto lúdico, dando a seguinte assertiva:

Hoje podemos ter a esperança de superar o erro básico segundo o qual o conteúdo ideacional do brinquedo determina a brincadeira da criança, quando na realidade é o contrário que se verifica. A criança quer puxar alguma coisa e se transforma em cavalo, quer brincar com areia e se transforma em pedreiro, quer se esconder e se transforma em bandido ou policial.

Nesta perspectiva é o jovem que reinventa, explora, traz o novo e o singular ao se relacionar com o aparelho. Esta relação é intensa, uma espécie de simbiose relacional, em que não conseguimos diferenciar jovem e máquina, ambos se tornam um só: o fixar



dos olhos na tela, o tocar dos dedos, o riso, o choro, a angústia, mostram como os dois se tornam algo uno. Andando pela rede o jovem:

[..] sabe para onde vai e o que encontrar, mesmo sem ter, uma única vez, estado lá. Diferentemente no mundo físico, alguém que mesmo tendo conhecimento da Turquia, por exemplo, mas que ainda não esteve lá, ao estar seu olhar adquire outra dimensão, seus sentidos se armam e se abrem. (MOREIRA, 2015, p. 05).

Em outras palavras, o jovem adquire um conhecimento do local sem mesmo estar lá, ou seja, surge uma nova forma de vivência e a possibilidade de um novo conhecimento, o qual denominamos anteriormente de “ficcional”. O jovem que nasceu no “olho do furacão” da era das grandes transformações do social demonstra receber melhor o novo, ter uma receptividade mais natural ao diferente ou inusitado, ser mais flexível. O mundo tecnológico é eminentemente criativo, pois ele se sustenta por meio das suplementações que os homens dão ao seu sistema. Além disso, a própria questão da linguagem, da forma de se expressar no virtual suscitam possibilidades criativas (MARCONDES FILHO, 1998, p. 42).

A inovação é o fazer diferente, desconstruir o convencional com uma potencialidade criativa. Essa potencialidade se mostra como virtude nos jovens, pois estes conseguem enxergar por traz dos objetos os seus “detritos” e dar eles novos significados, redimensionando o mundo “real”; por isso, ele é capaz de inovar como ninguém. Quando o adulto cria, faz surgir o novo, o que está gritando dentro de si é a criança que habita dentro dele, que o processo de “individualização” (ELIAS, 1994) não apagou e nem irá apagar. Logo, o novo é algo genuinamente infantil e lúdico, ao mesmo tempo “real” e abalador, desestabilizador de ordem. O novo é como um “ruído” que, ao entrar no sistema o torna mais complexo (MARCONDES FILHO, 2009). Por este ponto de vista, o “ruído”, assim como o novo é uma destruição construtiva, que nos permite novas possibilidades.

Por isso tememos o novo, pois ele é algo que se mostra sombrio, que nos faz sair da zona de conforto, pois quando ele se revela exige a reestruturação do que parecia estar em “ordem”. Do mesmo modo, tememos e criamos visões hiperbólicas do virtual, que é este “algo novo” que se apresenta na nossa frente e que nos dá calafrios. Os jovens, por serem mais flexíveis descobrem neste espaço virtual “um campo fértil para novas formas do Social. Eles desenvolvem novas formas de ver a si mesmo e a realidade,



influenciado as práticas, ideias, e as maneiras de lidar com o mundo” (MOREIRA; FICHTNER, 2015, p. 12).

Considerações Finais

Walter Benjamin (1985), em seu ensaio “A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica”, nos fala que o homem criou a máquina, porém se tornou dependente dela, perdendo as rédeas da sua criação. Neste vínculo de dependência, o criador passa a ser criado da criatura. Esta visão pode parecer até certo ponto hiperbólica, porém ela nos faz pensar no uso e na dependência, nesta relação vital entre homem e máquina.

Esta proposição nos revela grandes questões. Podemos consumir estes aparelhos de modo crítico? Temos que repensar nos usos destes bens que já se tornaram corriqueiros para nós? Como deve ser nossa relação com a máquina? Ela deve ser um mecanismo, um suporte para uma *práxis* ou uma companheira, que sofre e ri, vive junto comigo?

Estes aparelhos são tão nossos, fazem tanta parte dos nossos dias, nos acompanham nas risadas, no trabalho, no lazer e nos estudos, temos uma relação simbiótica com eles, que nos tornamos um só; ele é o nosso novo órgão. Somos tão próximos a ele, tão conectados que fica difícil pensar em um mundo sem as tecnologias da informação e da comunicação atual. Será que ainda conseguimos pensar em um mundo sem esses aparatos tecnológicos de hoje?

Walter Benjamin nos mostra que os objetos técnicos capazes de representar o mundo, como a fotografia, alteram nossa forma de percepção do espaço/tempo, e nos forçam a uma adaptação. Ele relata que o cinema surgiu para adaptar as massas a freneticidade do novo tempo que estava se instaurando, um universo do visual, do apego às imagens e ao que é efêmero. No início das sessões de cinema, eram distribuídos sacos plásticos, como vomitório, porque as pessoas passavam mal, literalmente. A fotografia em série causava enjoo, era algo estranho, sombrio. Com o passar do tempo, os olhos e a mente já estão acostumados com a velocidade das imagens, mostrando o homem como um animal potencialmente adaptável.

Partindo destas reflexões sobre as novas tecnologias da comunicação e da iminência da era do visual (BAITELLO, 1997; 1999), podemos pensar que chegamos a um ponto que o ver já é tocar, o olhar se materializa no dedo, que toca a tela e desliza, uma simbiose de sentidos, que impulsionam uma nova forma de ver, pensar e agir. O mar e a montanha não são empecilhos para o satélite, que capta a imagem do outro lado do mundo. Estas tecnologias possibilitam Habitar o espaço com o olhar, um Estar



“descorporificado”, diferente da recepção tátil e ótica de Walter Benjamin (1985), em que, o estar presente necessita do corpo, o estar dentro do espaço material, em que o espaço de toca primeiramente através do olhar e depois do corpo, enquanto proximidade de corpos e objetos. Se esses corpos o fizerem parar em frente a eles e contemplá-los, fazendo você habitar o espaço e ele habitar em você, há uma recepção tátil e ótica, houve uma “experiência autêntica”.

Nesta perspectiva, o Estar no lugar e ter uma experiência autêntica requer uma simbiose relacional com o meio e o ambiente, o lugar te “toca”, o ambiente habita em você e você habita o ambiente, as casas, as lojas são como pedestres que formam uma atmosfera do local que o torna único. Ou seja, um espaço e tempo único, inexprimível, mas sentido. Esta multidimensionalidade do espaço material não é representada em sua completude pela imagem, ou pelo relato, mas é sentida enquanto presença do corpo em determinado espaço com a sua dimensão simbólica, seu odor, sua fumaça, seus fluxos que formam esse “habitat”, um local único e inigualável.

O virtual também faz parte do real (MARCONDES FILHO, 1998), por isso, proporciona uma experiência. Mas será esta experiência “autêntica” no sentido de Walter Benjamin? Para a experiência ser “autêntica” não necessitamos estar presentes no espaço enquanto matéria? Se o virtual é imaterial como poderíamos pensar na experiência neste ambiente? Seria uma nova forma de experiência?

Referências

BAITELLO JR., Norval. **A Cultura do Ouvir**. Texto publicado em Rádio Nova. Constelações da Radiofonia Contemporânea 3. Org. Lílian Zaremba, Ivana Bentes. Rio de Janeiro: UFRJ, ECO, Publique, 1999a. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/portal/index.php/pt/biblioteca/viewdownload/7-baitello-junior-norval/3-a-cultura-do-ouvir.html>>. Acesso em 26 de abril de 2015.

_____. **Vítimas de um bombardeio de imagens. E da violência**. Entrevista concedida a Marcos Bragato, Jornal da Tarde, em 25 de julho de 1999b. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/portal/index.php/pt/biblioteca/viewdownload/7-baitello-junior-norval/12-vitimas-de-um-bombardeio-de-imagens-e-da-violencia.html>>. Acesso em 26 de abril de 2015.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política**. Tradução: Sergio Paulo Rouanet. Brasiliense, São Paulo, Brasil. 1985.

DEMO, Pedro. **Conhecimento Moderno: sobre ética e intervenção do conhecimento**. Vozes, Petrópolis, RJ, 1997.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Organização: Michael Schröter. Tradução: Vera Ribeiro. Zahar, Rio de Janeiro, Brasil, 1994.



GIACÓIA, O. **O último homem e a técnica moderna**. Ano: 1999. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24301999000100003>. Acesso no dia 11 de março de 2015.

HARAWAY, Donna. Manifesto Ciborgue Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz (Org.) **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Tradução: Tomaz Tadeu. 2ª edição. Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2009.

HEIDEGGER, Martin. **A questão da técnica**. Tradução: Marco Aurélio Werle . Scientiae studia. São Paulo, v. 5, n. 3, p. 375-98, 2007.

_____. A Tese de Kant Sobre o Ser. In: _____. **Conferências e escritos filosóficos**. Tradução e notas de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

LYOTARD, Jean-François. **A Condição Pós-Moderna**. José Olympio, Rio de Janeiro, 2004.

_____. **Lo Inhumano**. Traducción: Horacio Pons. Manantial, Buenos Aires, Argentina, 1998.

_____. **La posmodernidad explicada a los niños**. Traducción: Enrique Lynch. Barcelona, Gedisa, 1987.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Até que ponto, de fato, nos comunicamos?** Paulus, São Paulo, Brasil, 2004.

_____. **Superciber: A civilização místico-tecnológica do século 21: sobrevivência e ações estratégicas**. Paulus, São Paulo, Brasil, 2009.

_____. **Fascinação e miséria da comunicação na cibercultura**. Sulina, Porto Alegre, Brasil, 2012.

_____. **Sociedade tecnológica**. São Paulo: Scipione, Coleção Ponto de Apoio, 1994.

_____. **Cenários do novo mundo**. São Paulo, Edições NTC, 1998.

_____. Impasses da comunicação eletrônica: a questão do diálogo na rede e do outro. In: DI FELICE, M.; PIREDDU, M. (Org.) **Pós Humanismo: as relações entre o humano e a técnica na época das redes**. Difusão, São Caetano do Sul, São Paulo, Brasil, 2010. P. 303-314.

MARX; ENGELS. **A ideologia alemã**. Tradução Álvaro Pina. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MENEZES, José. Cultura do ouvir: vínculos sonoros na contemporaneidade. In: MENEZES, José; CARDOSO, Marcelo (Org.) **Comunicação e Cultura do Ouvir**. São Paulo: Plêiade, 2012. P. 21-38.

MOREIRA, Benedito. Jovens e as Tecnologias: Entre a poética e o controle técnico. In: SOUSA, Carlos Ângelo de Meneses (Org.) **Juventudes e Tecnologias: Sociabilidades e Aprendizagens**. Brasília: Liber Livro, 2015. (no prelo)

MOREIRA, Benedito Dielcio; FICHTNER, Bernd. **Juventudes, tecnologias e consumo midiático: Andanças virtuais revelam a constituição do novo**. Cuiabá, Universidade federal de Mato Grosso, 2015. Apostila.

NIETZSCHE, Friedrich. **O livro do filósofo**. Escala, São Paulo. 2013.



_____. **O Crepúsculo dos Ídolos**. Hemus, Curitiba, Paraná. 2001a.

_____. **Além do Bem e do Mal**. Hemus, Curitiba, Paraná, 2001b.

SANTAELLA, Lucia. **Pós-Humano – Por quê?** REVISTA USP, São Paulo, n.74, p. 126-137, junho/agosto 2007.

SIBILIA, Paula. **A escola no mundo hiperconectado: Redes em vez de muros?** Revista Matrizes, Ano 5, nº 2 jan./jun. São Paulo, Brasil, 2012. P. 195-211.

SILVA, Franklin. **Martin Heidegger e a Técnica**. Scientiae studia, v. 5, n. 3, São Paulo, 2007, p. 369-74.

THOMPSON, J. **A mídia e a modernidade**. Tradução: Wagner de Oliveira Brandão. Vozes, Petrópolis, Brasil, 2005.

VENGEON, F. **Defesa de uma antropologia filosófica da máquina**. 2009. Disponível em: <<http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/remate/article/view/1068/853>>. Acesso em 03 de março de 2015.

WOLF, Crhistoph. **O ouvido**. Tradução de Martinho Junior. Revista GHREBH n. 9, 2007. Disponível em: <<http://revista.cisc.org.br/ghrebh9/artigo.php?dir=artigos&id=WulfFr>>. Acesso em 26 de abril de 2015.